

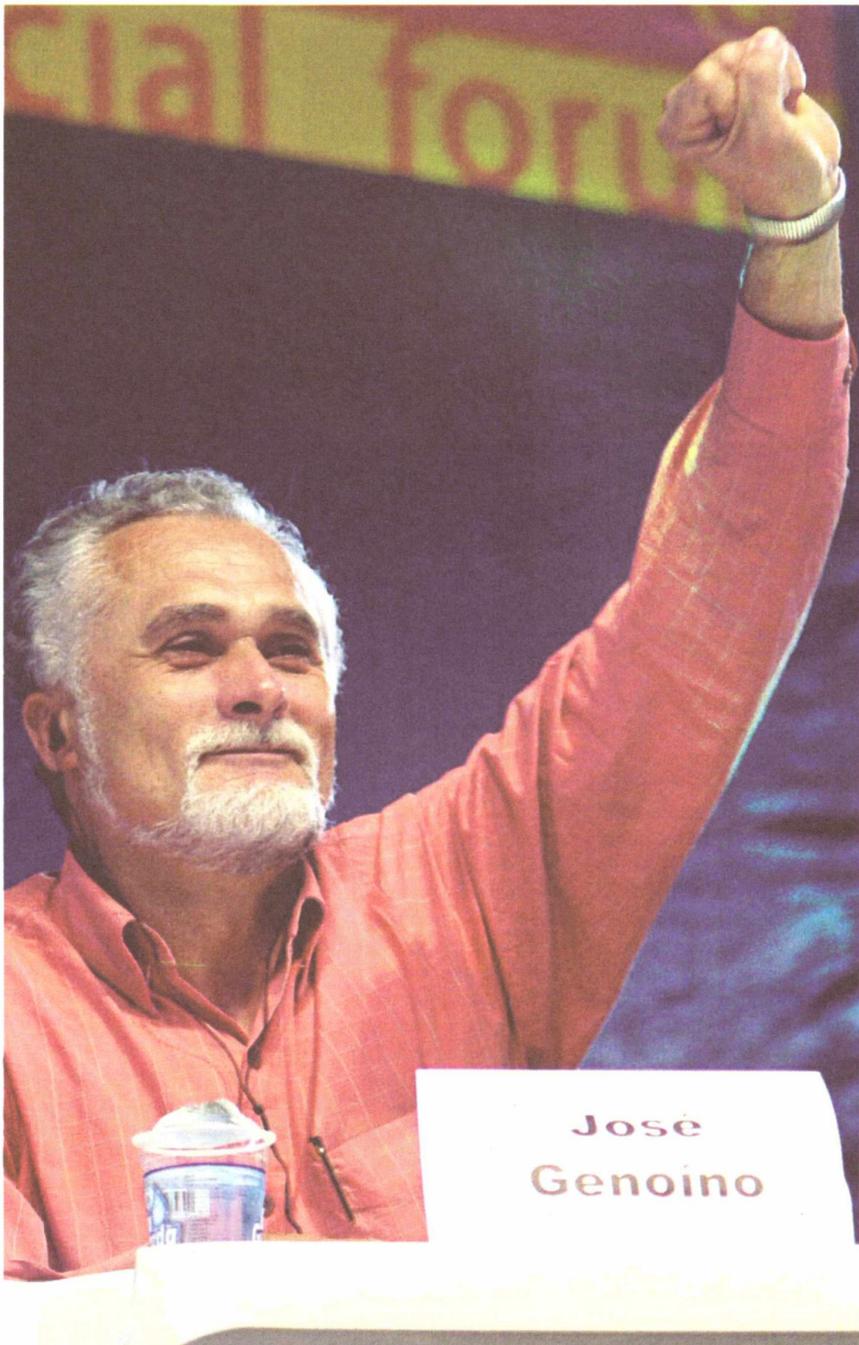
Relação do PT com movimento social é exemplo, conclui fórum

Surge novo organismo das cidades

A prefeita de São Paulo, Marta Suplicy (PT), secretária de Assuntos Internacionais da Frente Nacional de Municípios, anunciou, no 3º Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social, a fusão entre a Federação Mundial das Cidades Unidas (FMCU) e a União Internacional de Cidades (Iuca), que vai gerar a nova entidade internacional Cidades e Governos Locais Unidos.

Segundo Marta, a medida acabará com o impasse sobre que instituição representativa dos municípios teria assento na ONU (Organização das Nações Unidas). As negociações sobre a criação da nova entidade terão início este ano e só serão concluídas em 2004.

Os participantes do 3º Fórum de Autoridades Locais pela Inclusão Social, outro dos eventos paralelos ao FSM, aprovaram também a "Resolução de Porto Alegre", documento contendo os compromissos firmados durante os dois dias em que prefeitos e secretários de 230 cidades de 26 países discutiram a participação popular na gestão pública. O documento lança desafio aos governos locais de todo o mundo para que incorporem em seus programas de a exigência da democracia nas instituições e relações internacionais.



O presidente nacional do PT, José Genoíno, participa de um dos debates do FSM

NO FÓRUM PARLAMENTAR MUNDIAL, UM DOS EVENTOS PARALELOS DO 3º FSM, REPRESENTANTES DE CINCO PAÍSES MOSTRAM ENTUSIASMO COM O PARTIDO

Priscila Lambert,
em Porto Alegre

O PT foi apontado, durante o Fórum Parlamentar Mundial, em Porto Alegre, como uma esperança contra a crise de representatividade por que passam os partidos políticos na América Latina e no mundo em geral. O Partido dos Trabalhadores, segundo parlamentares, é um exemplo de relação exitosa com os movimentos sociais de seu país.

Participaram da mesa do painel "As relações entre os movimentos sociais e os partidos políticos", realizado no dia 23 de janeiro, cinco parlamentares de diferentes países. Todos eles, em suas inserções, saudaram o crescimento da importância dos interesses sociais em governos da América Latina, em especial no Brasil, representada pela eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

De acordo com os expositores, o mundo passa por uma crise globalizada de legitimidade e enfraquecimento dos partidos políticos, causada principalmente pela burocratização das instituições e pelo avanço da concepção neoliberal, que fez com que os partidos de centro e direita se diluísem nessa prática, perdendo seus referenciais.

Respeito

O representante brasileiro na mesa, o petista Raul Pont, deputado estadual (RS) e ex-prefeito de Porto Alegre, afirmou que o PT consegue, apesar de ainda haver questões a serem resolvidas, suprir, no Brasil, uma carência provocada por essa crise. O deputado mostrou que o partido tem relação de respeito com os movimentos sociais e explicou que a forma com que o partido está organizado auxiliava muito essa proximidade.

"Para um partido ser democrático ele deve ter tendências diversas e incorporá-las nas instâncias partidárias, inclusive na direção", disse. De acordo com Pont, a democracia interna, a representatividade proporcional nas instâncias partidárias e nos espaços conquistados no Legislativo são fundamentais para esse processo de legitimidade.

Em resposta aos parlamentares argentinos Alicia Castro e Luis D'Elía, que afirmaram que a crise financeira em seu país acabou favorecendo os movimentos sociais e secundarizando os partidos, Pont mostrou que ambas as coisas não são contraditórias e que partido e movimento social podem muito bem funcionar juntos.

Ele não defende que o movimento social, para ser bem sucedido em suas ações,

deve se transformar em um partido político, mas que ambos devem caminhar juntos. "Quando não se consegue fazer isso, a ação tende a ficar presa no parlamento".

Expectativa

O deputado francês Alain Lipietz, do parlamento europeu, afirmou, em entrevista à reportagem do PT que, se o governo Lula conseguir manter as alianças construídas pelo PT com trabalhadores, camponeses, mulheres, negros, sindicalistas, religiosos, intelectuais e classes médias assalariadas, esta será "a grande experiência do século 21 para a América Latina".

"O risco que ele corre é abandonar uma parte dessa aliança", afirmou. "Não é suficiente ganhar. Este é apenas o início dos problemas."

Lipietz creditou a derrota do ex-premiê socialista Leonel Jospin na França, em 2002, ao fato de os trabalhadores de microempresas não terem sido contemplados nas reformas da legislação trabalhista — como a redução de jornada de trabalho para 35 horas sem redução de salário. "Esses trabalhadores, não contemplados na reforma, acabaram dando votos para o fascismo."

O francês disse acreditar que, apesar de o PT ser um partido relativamente novo — completa 23 anos no próximo dia 10 de fevereiro —, tem em suas origens todos os ingredientes para conseguir a proeza de se tornar, no poder, o partido de maior representação na sociedade.

Alicia Castro, deputada argentina e dirigente sindical, acrescentou que a vitória do PT, no Brasil, mostrou a confiança dos movimentos sociais no partido. "Temos muito a aprender com o que está acontecendo nesse país."

Acordos

O Fórum Parlamentar Mundial, que aconteceu entre os dias 22 e 24, apresentou ao final um resumo das conclusões de uma oficina sobre as relações entre os movimentos sociais e os partidos políticos. Buscando manter a autonomia de cada instância e unificar esforços contra a exclusão social, o fórum propôs que ambos cheguem a acordos programáticos.

A democracia participativa deverá ser uma tarefa permanente dos parlamentares e, segundo o relato feito no evento, é papel dos partidos promover a divulgação das demandas dos movimentos sociais, tanto como dar voz a suas lideranças. Devido à complexidade do tema, a discussão deverá continuar fazendo parte dos próximos fóruns parlamentares.

PS francês busca aproximação

O secretário-geral do Partido Socialista francês, François Hollande, convidou o presidente nacional do PT, José Genoíno, a participar de uma agenda de discussões que culmine com o ingresso do Partido dos Trabalhadores na Internacional Socialista. Atualmente, o único partido brasileiro na IS é o PDT.

Hollande fez o convite durante almoço com Genoíno, em Porto Alegre, onde ambos participaram de atividades do 3º Fórum Social Mundial. Dias depois, o sociólogo suíço Jean Ziegler, conhecido mundialmente por denúncias contra o sistema financeiro de seu país, chegou a defender que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva presida a Internacional Socialista.

Hollande afirmou que deverão ser realizadas mudanças profundas na Internacional Socialista na América Latina, com o afastamento de alguns partidos que tenham mudado de rumo e com a inclusão de novos. "Com a reforma, o PT encontrará seu lugar na IS e será um de seus

vetores neste processo de mudança", afirmou o francês.

Esta, para Hollande, é uma das formas de estreitar ainda mais o laço entre o PS francês e o PT brasileiro, que já vem de muito tempo. Ele sugeriu ainda propostas de cooperação entre os partidos, como a consolidação entre as direções dos dois partidos e entre os grupos parlamentares e os grupos de juventude.

União

O francês disse ainda que seu partido está disposto a discutir com o PT formas de criar entre a França e o Brasil uma união alfandegária nos moldes do Mercosul. "Devemos levantar quais formas políticas e econômicas de uma zona de integração comercial poderiam levar à mudança das regras", disse. As regras a que ele se refere — e critica — são as imposições feitas pelos países ricos a países em desenvolvimento. "Não é normal, por exemplo, que a gente imponha, a países como o Brasil, ter contas públicas em ordem e, além de tudo, com su-

perávit. Já é hora de fazermos uma reflexão comum contra esses abusos", declarou.

Genoíno acenou positivamente às propostas de Hollande, dizendo que o PT quer aprofundar o processo de integração e diálogo com o PS francês. Quanto ao ingresso do PT à Internacional Socialista, disse que levará a proposta à Comissão Executiva Nacional e ao Diretório Nacional do PT, bem como ao presidente Lula. Mas acrescentou que esta decisão exige muita discussão, e dependerá também das mudanças que deverão ocorrer na IS.

"Reafirmo que, para o governo Lula, é muito importante a relação com partidos progressistas, socialistas e de esquerda que têm uma visão democrática, com visão ampla e que se recusam ao isolamento", disse o presidente do PT. Genoíno se comprometeu a participar de uma agenda de discussões com o PS e a Internacional e se comprometeu a participar do próximo congresso do Partido Socialista, que ocorrerá em maio.

Apoio

O senador eleito Aloizio Mercadante (PT-SP), também presente ao almoço e à entrevista coletiva, apontou que, para realizar as mudanças com segurança, o governo Lula precisará de apoio político e solidariedade internacional para rediscutir o papel de algumas instituições internacionais, como o FMI (Fundo Monetário Internacional), e pediu o auxílio dos franceses para esta tarefa.

"Nosso espaço de manobra é muito pequeno e, para mudar essa situação, precisamos de vocês", afirmou o parlamentar petista.

O senador reiterou ao político francês a disposição de Lula em acelerar a integração entre os países sul-americanos e afirmou que a experiência de formação da União Europeia é muito importante e deve servir de inspiração para que o Mercosul crie mecanismos de integração como, por exemplo, um parlamento latino-americano. "Isso passa por relações políticas, como o PS francês", afirmou. (PL)

O P I N I Ã O

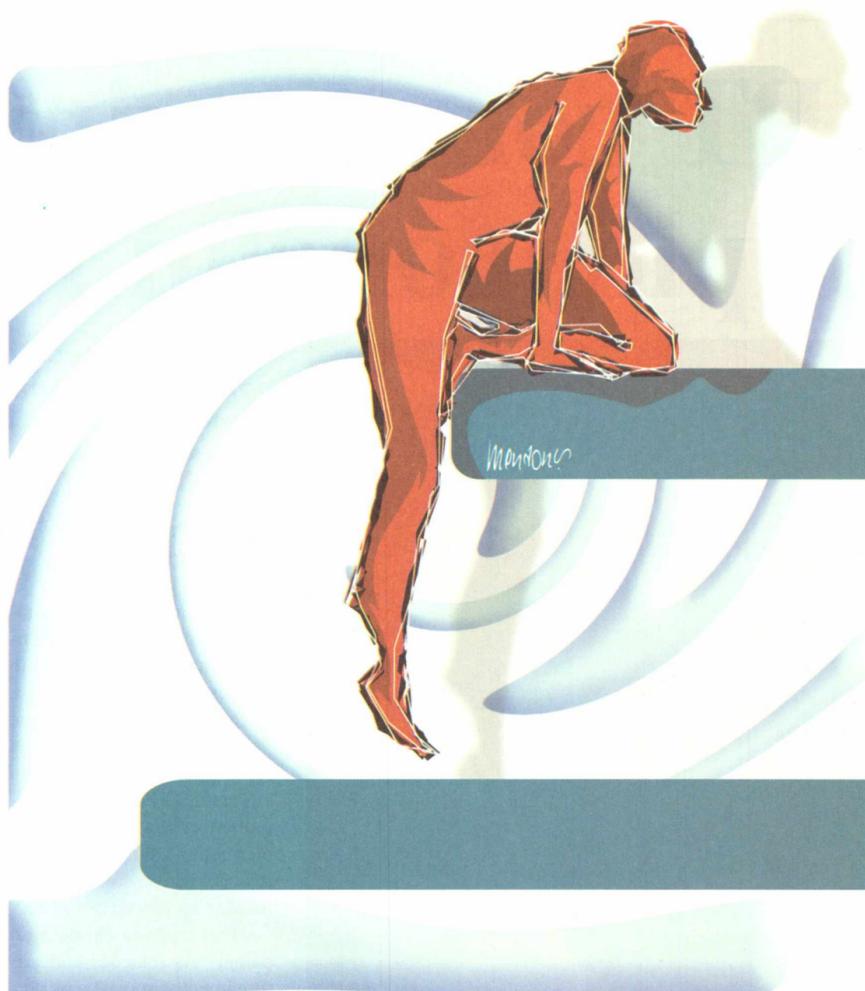
Os novos desafios do PT

O PT chega aos 23 anos comemorando o momento de sua maior ascensão, com a vitória de Lula para a Presidência da República. Não se trata ainda de um momento de apogeu, pois o PT tem a possibilidade e a necessidade de enraizar-se ainda mais social e institucionalmente. Se a conquista da Presidência representou uma grande vitória, o fato é que somos ainda fracos nos Estados e municípios. E podemos ampliar significativamente a força das nossas idéias e programas em diversos grupos e movimentos sociais. Ou seja, se trabalharmos com a noção de hegemonia há, ainda, muito por fazer. Outro grande desafio do PT no momento, em termos nacionais, é o de ser um partido de governo. Esse desafio já foi enfrentado, com sucessos e alguns traumas, nos Estados e municípios onde o PT governou ou governou.

Como partido que governa, o PT precisa evitar três equívocos. O primeiro, consiste em não construir um Estado-Partido. Este conceito designa aquela situação criada pelos partidos comunistas tradicionais que exerceram ou exercem o poder nos países socialistas. Esses partidos desenvolveram um modelo de gestão onde o verdadeiro centro de poder e de tomada de decisões não era o Estado, mas o comitê central do partido. A rigor, o Estado-Partido é inviável em sistemas democráticos, pois pressupõe a existência de um partido único.

O segundo erro, este mais comum e possível nos regimes democráticos, consiste na estatização do partido governista. A estatização expressa aquela condição em que o partido perde sua autonomia frente ao governo, obedece inteiramente suas diretrizes, torna-se um partido ávido por cargos, sucumbindo à lógica do governo. Em tais circunstâncias o partido abandona a atividade partidária específica e autônoma na esfera social.

O terceiro tipo de erro que um partido governista pode cometer consiste em fazer uma oposição velada ou explícita ao governo. Esta atitude pretende esquivar-se do fato de que, na democracia, o governo se define num embate entre partidos plurais e que o partido vencedor estabelece um contrato de responsabilidade com a sociedade. E na medida em que membros partidários exercem funções governamentais, o partido é co-responsável pelas decisões do governo. A responsabilidade mútua não deve significar que as instituições do partido se tornam o local das decisões governamentais. Significa que



o partido, além de sugerir, deve ser solidário com as decisões do governo e emprestar-lhe o apoio público. O partido não está isento de ter propostas e opiniões acerca do governo. Mas a explicitação pública de propostas e opiniões deve obedecer o critério da mediação, evitando o oportunismo da irresponsabilidade negativa e o adesismo sem propósitos.

Os partidos políticos têm uma função complexa, que se expressa numa relação de ambivalência ou ambigüidade. Se adotarmos o modelo analítico centrado na dicotomia Estado/sociedade civil, podemos dizer que um partido — principalmente quando exerce o governo — vive na condição ambivalente de se situar nas duas esferas: no Estado e também na sociedade civil.

Um partido pertence à esfera da sociedade civil por ser um organismo de direito privado. Mas na medida em que, no sistema democrático, a escolha de quem governa é mediada pela relação entre partido e eleitor e que o governo é formado com base em partidos ou coligações partidárias, torna-se evidente o interesse público em preservar e fortalecer o sistema de partidos. Os partidos, no governo, não devem expressar apenas uma relação de representação de interesses de indivíduos ou grupos determinados. Devem exercer, por princípio, também uma função de representação

dos interesses gerais da sociedade. Isto os situa na esfera pública estatal.

A tradução concreta dessa função ambivalente pode ser visualizada da seguinte forma, no caso do PT ou de qualquer outro partido. Por ter vencido as eleições e participar do governo, o partido deve ser solidário, co-responsável e apoiar politicamente suas decisões. Por outro lado, o partido deve manter sua autonomia em relação ao governo. Essa autonomia deve se expressar por meio de uma atividade própria, especificamente partidária, na esfera da sociedade. Essa autonomia se desenvolve também mediante as discussões e decisões que o partido adota em relação às políticas governamentais. Essas deliberações podem e devem ser levadas ao governo, mas não como obrigações imperativas, impostas ao mesmo. São apenas deliberações partidárias que são apresentadas ao governo com o caráter de sugestões.

Somente nas instituições do Estado localiza-se o lugar legítimo e de direito para a tomada das decisões governamentais. Os membros do governo filiados ao partido devem levar em conta, de forma mediada, o programa e as propostas do partido. Mesmo que pretenda expressar e representar interesses gerais, um partido governista, num sistema democrático e pluralista, nunca deixará de ser par-

te. Um partido no governo não pode ter a pretensão de representar ou encarnar toda a sociedade. Isto o tornaria autoritário ou totalitário. O governo democrático, embora seja formado à base de partidos, não deve ser um governo dos partidos, mas um governo da sociedade. O governo deve ser eminentemente público e republicano. Sua relação com os partidos e com as demais instituições da sociedade civil deve ser sempre mediada pelo interesse público geral.

Com base na análise aqui desenvolvida, podemos definir que as prioridades do PT, neste momento, são as seguintes:

- 1 - Fortalecer a sustentação política do governo na sociedade, no Congresso e junto aos demais partidos;
- 2 - Discutir e definir propostas partidárias quanto aos principais temas da agenda do país e encaminhá-las ao governo e ao Congresso;
- 3 - Fortalecer a presença do PT junto aos movimentos e grupos sociais, na perspectiva de construir um diálogo positivo quanto às suas demandas e de fortalecer sua autonomia e as práticas democráticas;
- 4 - Preparar o partido nacionalmente para a tarefa das eleições municipais;
- 5 - Fortalecer as estruturas nacional, estaduais e municipais do PT.

José Genoio
é presidente nacional do PT

NOTAS

Genoio quer militantes engajados no Fome Zero

O presidente nacional do PT, José Genoio (SP), avisou que o partido vai mobilizar seus militantes e filiados para que se engajem no projeto Fome Zero, lançado pelo governo federal no dia 30 de janeiro. O dirigente considera que os petistas também têm responsabilidade pelo sucesso do programa.

“O PT vai ajudar compreendendo que o programa Fome Zero é de toda a sociedade. Por isso, vamos utilizar nossos militantes e filiados na mobilização em favor do programa”, disse Genoio. A proximidade dos parlamentares do partido com os movimentos sociais e associações comunitárias será fundamental para o sucesso do combate à fome, avaliou o dirigente petista, lembrando ainda que a corrupção e desvio de verbas de programas sociais sempre foram denunciadas pelo PT.

A participação dos pre-

feitos petistas na implementação do Fome Zero será acompanhada com atenção pela Secretaria Nacional de Assuntos Institucionais. “O PT precisa estar preparado para a solidariedade da sociedade que este programa deve mobilizar”, disse.

Segundo Genoio, existe uma disposição dos prefeitos em se incorporar aos principais programas do governo federal. “Será importante a promoção nos municípios de campanhas de doações e participação de voluntariado em mutirões e parcerias. O governo também quer a mobilização das estruturas logísticas já existentes nas esferas municipais”, destacou.

Ficou definido em reunião da Snai, durante o 3º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, que os prefeitos se comprometerão em indicar um secretário de governo para coordenar o Fome Zero em seus municípios.

Secretarias aproveitam os fóruns para reuniões

As secretarias nacionais de Combate ao Racismo e Movimentos Populares aproveitaram a reunião de militantes e filiados nos fóruns internacionais realizados em janeiro para debater também assuntos de interesse do PT.

Em Porto Alegre, durante o 3º Fórum Social Mundial, o secretário nacional de Combate ao Racismo do PT, Martvs das Chagas, iniciou conversas com lideranças petistas e do movimento negro para informá-las de negociações com o governo.

O secretário informou que, durante a reunião da Comissão Executiva Nacional do PT no dia 20 de janeiro, em Brasília, o ministro-chefe da Secretaria Geral da

Presidência, Luiz Dulci, comunicou que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva irá mesmo criar a Secretaria de Estado para a Promoção da Igualdade Racial, proposta feita pela SNCR.

A Secretaria Nacional de Movimentos Populares do PT, por sua vez, promoveu uma plenária em Porto Alegre, no último dia 25, para discutir as atividades para este ano e fazer uma avaliação do processo eleitoral que levou à vitória de Lula. No último dia 19, durante o Fórum Pan-Amazônico, realizado em Belém, a SNMP promoveu uma outra plenária, sob coordenação do secretário Jorge Almeida, também com os mesmos temas.

Santo André homenageia memória de Celso Daniel

O dia 20 de janeiro, data da morte do prefeito de Santo André (SP), Celso Daniel, será oficializado como o Dia Municipal de Combate à Violência. O projeto foi aprovado pela Câmara Municipal de Santo André. Por iniciativa da prefeitura, a memória de Celso foi lembrada no último dia 20, quando completou-se um ano de seu desaparecimento. Também no dia 20, a Comissão Executiva Nacional do PT emitiu nota oficial. Leia a íntegra:

Nota do PT

Há um ano o companheiro Celso Daniel desapareceu

de nossas vidas, violentamente assassinado. Sua participação na construção do Partido dos Trabalhadores foi fundamental. Nossa vitória nas últimas eleições deve-se muito a seu empenho militante na formação de políticas públicas que hoje colocamos em prática para a construção de um novo Estado brasileiro. Nós, os membros da Comissão Executiva Nacional, reafirmamos a determinação do PT em manter viva e inabalável a memória do companheiro Celso Daniel.

Brasília, 20 de janeiro de 2003, Comissão Executiva Nacional do PT



CUPOM DE assinatura

O PT Notícias é o jornal quinzenal do Diretório Nacional do Partido dos Trabalhadores. A partir de agora, algumas notícias e matérias da última edição serão disponibilizadas no Portal do PT.

No site, os internautas terão uma pequena amostra da edição do jornal, já que o mesmo é distribuído por meio de assinatura anual.

PARA FAZER A SUA ASSINATURA:

- 1) Cheque nominal à Editora Fundação Perseu Abramo.
 2) Depósito bancário nominal à Editora Fundação Perseu Abramo: Banco do Brasil C/C 2241-1 Agência 3323-5 (Enviar junto com o cupom preenchido cópia do comprovante de depósito)
 3) Cobrança bancária.
 4) Cartão de crédito:
 Visa Mastercard Diners
 Número do cartão: _____
 Data de validade: ____/____/____

Assinatura anual: R\$ 50,00

Sim, eu quero assinar o PTnotícias

Nome _____

Endereço _____

Profissão _____ Tel _____

CEP _____ Cidade _____

Estado _____ CPF _____

E-mail _____

Sexo: Masculino Feminino
 Filiado(a) ao PT: Sim Não

Departamento de Assinaturas da Fundação Perseu Abramo
 Rua Francisco Cruz, 234 – Vila Mariana
 CEP 04117-091 - São Paulo – SP
 Tel.: (11)5571-4299 Ramal 44 - Fax: (11)5571-0910

EXPEDIENTE

PTnotícias

ÓRGÃO DO DIRETÓRIO NACIONAL DO PARTIDO DOS TRABALHADORES

PRESIDENTE NACIONAL DO PT
José Genoio
SECRETÁRIO NACIONAL DE COMUNICAÇÃO
Ozeas Duarte
EDIÇÃO
Ralph Machado - MTb 21.131
REDAÇÃO
Claudio Cezar Xavier, Priscila Lambert e Walter Venturini
DIAGRAMAÇÃO
Sandra Luiz Alves
APOIO ADMINISTRATIVO
Ana Troccoli

FOTOS
Agência Brasil e Presidência da República
ILUSTRAÇÃO
Vicente Mendonça

SEDE

Rua Silveira Martins, 132,
 São Paulo, SP, CEP 01019-000
 Tel.: (011) 3243-1313
 Fax: (011) 3243-1349
 E-mail: ptnot@pt.org.br
 Página na internet: www.pt.org.br
 Tiragem: 8.000 exemplares
 Fotolitos e impressão: Artpress

PORTO ALEGRE

Debate avalia esquerda no poder

Cezar Xavier,
em Porto Alegre

As experiências da esquerda no poder e as consequências disso para partidos e movimentos sociais dominaram a mesa de controvérsias da qual o presidente nacional do PT, José Genoino, foi um dos integrantes, no 3º Fórum Social Mundial. As mesas de controvérsias, um espaço para debates, foram realizadas pela primeira vez no fórum de Porto Alegre.

Durante sua participação no evento, realizado no dia 26 de janeiro, Genoino concordou, por exemplo, com a importância da "reflexão atual para as esquerdas que chegam ao governo", feita pelo sindicalista sul-africano Willy Madisha.

Madisha relatou, em sua análise, os erros cometidos pelo Congresso Nacional Africano (CNA), após o fim do apartheid e a assunção ao poder, em 1994, quando os principais líderes de movimentos sociais deixaram a mobilização para ajudar o governo a obter financiamentos estrangeiros, extinguindo qualquer oposição. "A experiência do CNA será considerada pelo PT, que não tem a pretensão de domesticar os movimentos sociais", disse Genoino.

Segundo o dirigente petista, a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva não é algo apenas momentâneo, mas um processo. Genoino afirmou ter consciência de experiências que não dão certo na relação com os movimentos sociais. Segundo ele, a proposta stalinista não deu certo ao estatizar o partido e extinguir os movimentos, assim como não funciona a "domesticação" praticada na Europa, quando um partido vira anexo do Estado. "Muitos menos podemos ter os movimentos sociais na oposição ao governo", disse.

Desafio

Genoino considera um desafio articular um governo como o de Lula, que é mais amplo que a esquerda, incluindo políticos de centro em seu interior. Ele considera uma novidade a proposta de pacto social do governo Lula, que pretende mudar as relações do Estado com a sociedade. "Vamos colocar os trabalhadores em condições de negociar, ao unir empresários, entidades e sindicatos em pé de igualdade", afirmou.

Genoino defendeu que não quer reduzir a atuação petista ao protesto sectário, mas construir um caminho de negociação sem subordinação. Segundo ele, o PT precisa mostrar que é tão bom de governo, quanto de protesto. "A esquerda precisa deixar de ser um confeito no bolo do projeto neoliberal", declarou.

"Temos conseguido um avanço no sentido de uma aproximação dos movimentos, instituições e partidos e não atomização. Somos parceiros do mesmo projeto", disse. Parte desse projeto, segundo Genoino, inclui promover reformas do Estado e a consolidação da democracia.

"Buscamos um movimento pela radicalização da democracia e da participação popular". O petista lembrou o caráter histórico pluralista do partido em suas matrizes teóricas, sem jamais ter tratado



JOSÉ GENOINO, PRESIDENTE NACIONAL DO PT, PARTICIPA DE EVENTO EM PORTO ALEGRE E CONCORDA COM A IMPORTÂNCIA DE ANALISAR AS EXPERIÊNCIAS DE OUTROS PAÍSES, COMO A RELATADA POR UM DIRIGENTE SINDICAL DA ÁFRICA DO SUL



Manifestantes (acima e no alto) participam de eventos do 3º Fórum Social Mundial

os movimentos como "correia de transmissão".

Diante de referências dos participantes à experiência do PT como modelo para as esquerdas de todo o mundo, Genoino foi enfático: "O PT construiu um caminho próprio, adequado à nossa história e realidade, e não dá lição, nem aceita lição".

Ele disse ainda que a expectativa é muito grande e que o governo Lula não pode errar. "Despertamos um patrimônio muito caro dos brasileiros, que são sua esperança e auto-estima."

Melancólico

O CNA ainda conta com dois terços dos eleitores sul-africanos, mas não tem mais o entusiasmo da militância. Esta é a constatação melancólica de Madisha sobre a situação dos políticos progressistas em seu país. Para ele, a razão disso está no fato do CNA ter enfatizado, em sua origem, as eleições mais que os movimentos de base para se tornar um partido formal. "O CNA deveria mobilizar seus movimentos e não torná-los base eleitoral", alertou.

O sindicalista sul-africano

detecta um enfraquecimento dos movimentos sociais, quando as forças progressistas chegam ao poder. Madisha defendeu que esses governos devem criar fóruns que sirvam de instância de interação com os movimentos sociais e reestruturar as relações. "Assim como os sindicalistas não podem mais se concentrar apenas nas reivindicações de cunho trabalhista", disse, ressaltando que a discussão dentro dos movimentos tem que se ampliar e precisam dar sustentação às políticas públicas do governo. "É preciso man-

Genoino critica a violência

O presidente nacional do PT, José Genoino, atingido por uma torta quando concedia uma entrevista em um hotel de Porto Alegre, no dia 26 de janeiro, condenou o uso da violência para a realização de protestos. Apesar de encarar a agressão uma forma de protesto, o dirigente petista considerou a ação equivocada e estreita.

A manifestante, que não foi identificada, chegou a criticar a presença de Luiz Inácio Lula da Silva no Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça), para onde o presidente viajou após participar do Fórum Social Mundial. "O presidente Lula, com muita lucidez, defendeu um governo articulado com o combate à fome e contra a pobreza. Como presidente do PT, me sinto orgulhoso em ser agredido defendendo a ida de Lula a Davos", declarou Genoino.

"Aqueles que discordam da ida de Lula a Davos não passam de equivocados e estreitos. Quem leva a esquerda para o isolamento facilita a ação de quem quer a guerra e o terrorismo", afirmou o presidente do PT após o incidente.

dinaram-se às ameaças de locaute dos grandes capitalistas.

Madisha alertou para o fato de seu país ter caído num triunfalismo, de celebrações sem fim depois de 1994. Segundo ele, isso fez com que as transformações se relegassem a pano de fundo. "O governo não pode ver os movimentos como ameaça, pois criará inimigos, mas devem ser encarados como parte do jogo", disse.

Babel

A ministra das Relações Exteriores do Canadá, Louise Beaudoin, criticou a forma como os partidos têm perdido a legitimidade quando se afastam das bases e renegam compromissos. Segundo ela, o partido social-democrata, do qual foi dirigente, afastou-se dos movimentos em duas ocasiões e pagou caro por isso. Ela lamentou o desencanto com a política que advém disso. "O jogo político é percebido de forma muito negativa pela população, devido à forma sensacionalista e irreal como a mídia o exhibe", avaliou.

A ministra fez um apelo a que as pessoas ainda encarem a política como "o lugar onde se define o destino de nosso futuro". "O Brasil é um exemplo extraordinário disso", disse, referindo-se à eleição de Lula.

Devido ao comentário do jornalista Márcio Moreira Alves, mediador do debate, sobre um suposto impacto negativo que o sectarismo provoca nos movimentos, o sindicalista italiano Fausto Bertinotti retrucou dizendo vê mais risco no "moderatismo" de alguns movimentos.

O brasileiro afirmou que os movimentos sociais têm que ter a humildade de assumir seus erros. Bertinotti disse que, quando a esquerda chega ao poder sacrificando os movimentos, estes tendem a crescer e se fortalecer na oposição, enquanto os partidos deixam de ser esquerda.

A dirigente do Partido Comunista chileno Gladys Marin abriu sua exposição declarando admiração pelas experiências brasileiras exemplares do PT e do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra).

Ela considerou importante que o PT atentasse para o passado chileno para não cometer o erro da esquerda que elegeu Salvador Allende, na década de 60. "Os movimentos precisam estar fortes e vigilantes para defender um governo democrático", disse.

O coordenador nacional do MST Gilmar Mauro contribuiu para a discussão apresentando postulados do movimento com as instituições. O primeiro deles é que o movimento precisa ter um objetivo claro e horizontes. "Nosso rumo é superar o sistema capitalista", sentenciou.

Para o MST, as mudanças só se obtêm com mobilização de massa. "É lutando que o povo aprende e reconhece seus inimigos e aliados", disse. Entre outros postulados, o sem-terra destacou a autonomia política e econômica dos movimentos para seu fortalecimento.

"Não damos bola para a imprensa quando nos acusa de cobrar dos assentados para manter o movimento", disse Gilmar Mauro.

PORTO ALEGRE

“FSM tornou-se onda gigante de cidadania”

Priscila Lambert,
em Porto Alegre

O 3º Fórum Social Mundial, que ocorreu entre os dias 23 e 28 de janeiro, em Porto Alegre, provou que está se tornando uma gigantesca onda de cidadania cada vez mais representativa de forças que se contrapõem às ideias neoliberais do Fórum Econômico Mundial, em Davos (Suíça).

Esta é, segundo Cândido Grzybowski, membro do comitê organizador e diretor-geral do Ibase (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas), a mensagem central do 3º FSM. Durante a entrevista coletiva que divulgou um balanço do fórum, Cândido chamou a atenção para o fato de se terem conseguido reunir, apenas no ginásio Gigantinho — um dos vários locais em que foram realizadas conferências —, mais gente do que o total de participantes do primeiro fórum. Foram 100 mil participantes, entre delegados, observadores, profissionais de imprensa e ativistas de 156 países.

Segundo ele, neste ano compareceram mais jornalistas (4.094) do que o total de delegados do primeiro fórum. “Ganhamos a batalha da mídia, sim, e isso é muito importante politicamente”, observou Marco Piva, coordenador de comunicação do fórum. Questionados sobre a possibilidade de haver uma redução de participação no próximo FSM, que será deslocado para a Índia, os organizadores responderam que os números não são tão vitais para a proposta quanto o processo de internacionalização do movimento.

“Esse processo de ‘mundialização’ vai se consolidando com a ida do evento para a Índia no ano que vem”, argumentou Sérgio Haddad, também membro do comitê organizador e presidente da Abong (Associação Brasileira das Organizações Não-Governamentais). A ida para a Índia seria uma forma de ampliar a diversidade do FSM, que possui poucas representações da Ásia e da África.

O desafio da terceira edição do fórum foi pensar como valorizar toda a diversidade e evitar que haja dispersão de ideias. “É este o compromisso que estamos recolhendo de todos os participantes”, ressaltou Cândido Grzybowski.

NO ENCERRAMENTO DO 3º FÓRUM SOCIAL MUNDIAL, OS ORGANIZADORES CONCLUEM QUE O EVENTO JÁ É MAIOR DO QUE O RIVAL NEOLIBERAL, DE DAVOS

A principal diferença que se sente de 2002 para 2003, de acordo com Francisco Whitaker, organizador do fórum e representante da Comissão de Justiça e Paz da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), é que o FSM transformou-se de um evento para um processo, perpetuando-se por meio dos fóruns regionais e nacionais, que se multiplicam desde o ano passado — foram mais de 50 em todo o mundo, em 2002. Neste processo, passou-se da etapa da discussão para a etapa da ação, acredita Whitaker.

Comparação

Diante da pergunta sobre se há intenção de manter uma interlocução entre o FSM com o Fórum Econômico Mundial, Maria Luíza Mendonça, da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, explicou que não há interlocução possível porque, ao contrário de Davos, que é um evento promovido por empresas, o FSM é um espaço que reúne milhares de pessoas e que não tem como representar todos os movimentos e entidades que dele participam.

“Precisamos preservar este espaço de articulação que é único. Existem outros espaços, em organizações, para que exista essa interlocução. Não aqui”, disse ela. O comitê organizador anunciou que, a partir do ano que vem, a data do FSM não coincidirá necessariamente com a do fórum de Davos. O conselho internacional do FSM decidiu torná-la independente, o que mostra que o evento de Porto Alegre ganhou tamanha dimensão — ao contrário do que ocorre com o de Davos — que já não faz mais sentido ter de depender da definição das datas na Suíça. Mas já está prevista uma mobilização internacional, denominada Marchas contra o Neoliberalismo e a Guerra, a ser realizada em um dos cinco dias do encontro de Davos.

Além disso, seis em cada dez pessoas acham que a sociedade global deveria priorizar as questões sociais em detrimento do crescimento econômico, enquanto apenas a metade desse número considera que deveríamos primeiro focar o crescimento econômico para então tratar das questões sociais.

Mulheres

Diante da reivindicação de uma jornalista para que houvesse, por parte da organiza-

ção do fórum, um compromisso para aumentar a participação das mulheres, Maria Luíza afirmou que o número de mulheres participantes superou o de homens nesta edição. Ela ponderou, no entanto, que é preciso melhorar ainda mais a questão de gênero de forma a tornar o evento mais representativo. Para isso, segundo ela, os esforços e os compromissos devem partir das próprias organizações.

Grzybowski apresentou também um balanço parcial da contabilidade do 3º FSM, que mostra um déficit de US\$ 247 mil. O comitê organizador estimou inicialmente um orçamento de US\$ 5 milhões, que foi reduzido para US\$ 3.485.100 de gastos efetivos. Desse total, o valor arrecadado com as taxas pagas pelos participantes chegou a US\$ 800 mil. Os recursos públicos totalizaram US\$ 1 milhão e o restante foi financiado por fundações.

Pesquisa

Uma pesquisa de opinião feita pelo Secretariado do Fórum Social Mundial, em colaboração com o instituto canadense Environics International, revela que grande parte dos 15 mil entrevistados em 15 países acredita que a sociedade deveria primeiro dedicar-se aos problemas sociais, para depois se preocupar com o crescimento econômico.

As principais conclusões são: a maioria crê que a globalização torna os ricos mais ricos e os pobres, mais pobres; a maioria também pensa que a globalização é controlada pelos interesses das grandes multinacionais, e quatro em cada dez pessoas acreditam que a globalização resulta de um processo natural de evolução da economia.

Além disso, seis em cada dez pessoas acham que a sociedade global deveria priorizar as questões sociais em detrimento do crescimento econômico, enquanto apenas a metade desse número considera que deveríamos primeiro focar o crescimento econômico para então tratar das questões sociais.

NOTAS

Cobertura do FSM

O Portal do PT publicou dezenas de reportagens sobre o Fórum Social Mundial e os eventos que ocorreram em Porto Alegre neste ano. Também é possível ouvir notícias do FSM na Rádio 13. Confira em www.pt.org.br.

Planeta Fêmea

Emília Fernandes, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, visitou o Planeta Fêmea — espaço construído por movimentos e redes feministas — para pe-



Crise na Venezuela atrai ONG

Cezar Xavier,
em Porto Alegre

O Observatório Internacional da Mídia (Media Watch Global) decidiu, durante o 3º Fórum Social Mundial, intensificar sua atividade junto aos meios de comunicação da Venezuela. A organização pretende desenvolver um trabalho criterioso de observação dos meios jornalísticos naquele país.

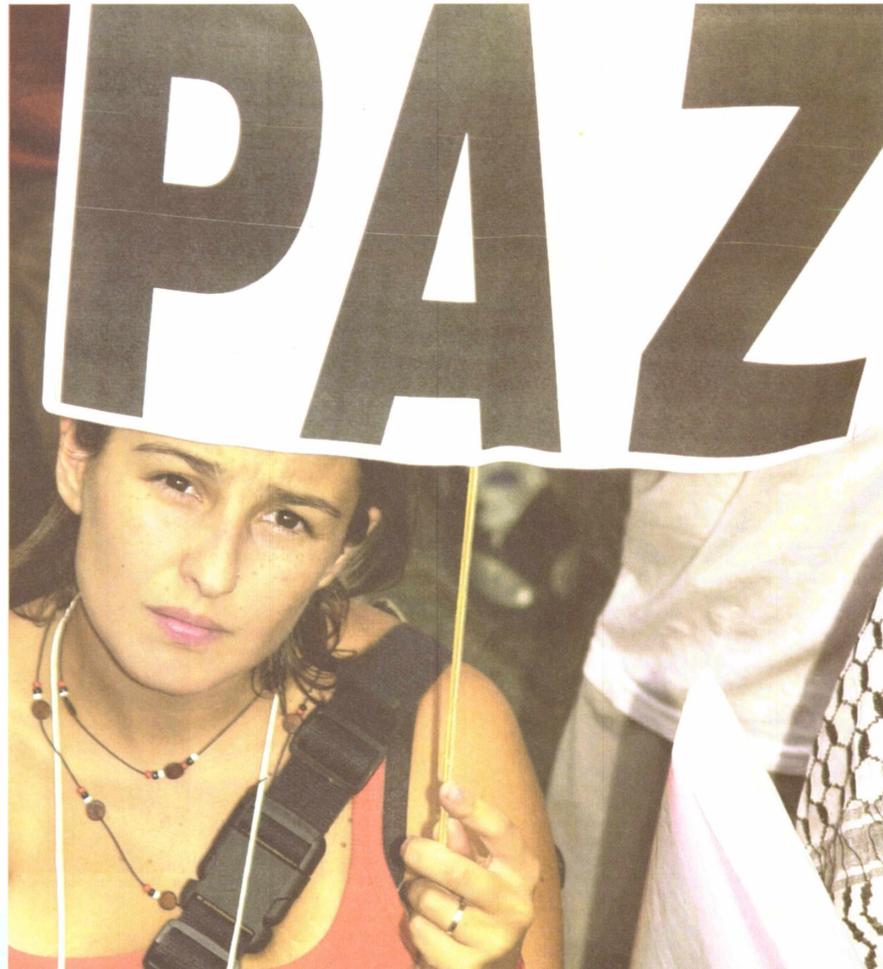
A prioridade surgiu das acusações de abusos e arbitrariedades por parte dos principais órgãos venezuelanos na manutenção de uma campanha para derrubar o presidente Hugo Chávez. Segundo relatos, a editoria da imprensa extrapola qualquer critério de ética jornalística.

Segundo o vice-presidente do Observatório, o advogado brasileiro Joaquim Palhares, a entidade não tem o papel de julgar a mídia, mas divulgar o trabalho científico de observação e análise. “Temos inclusive que nos preocupar com a proteção aos jornalistas e seu exercício profissional, caso se verifique violação de seus direitos”, disse.

dir apoio à sua gestão. “Queremos construir um espaço democrático que tenha, como lema, participação, engajamento e debate amplo de todas as lutas”, afirmou.

Novo consenso

A deputada argentina Alicia Castro defendeu que o Consenso de Washington seja substituído por um “Consenso de Porto Alegre”. Os valores sociais, de solidariedade e de direitos humanos viriam primeiro e seriam os alvos das políticas dos países.



Manifestantes acompanham discurso de Lula (no alto) e participam da marcha de abertura do FSM (acima e no alto à direita)

Paz

A conferência “Paz e Valores” foi a mais disputada do FSM, atraindo mais de 20 mil pessoas. Para os conferencistas — Leonardo Boff, Eduardo Galeano e Jean Ziegler —, se um evento sobre a paz é capaz de reunir um público maior que o de um show de rock, é sinal de que “um novo mundo já está sendo formado”.

Chomsky

O linguista norte-americano Noam Chomsky, uma das personalidades internacionais no FSM, acredita que a América Latina pode ser um freio contra a guerra ao Iraque. Para ele, a AL deve se mobilizar e contribuir com o movimento contrário à guerra no Iraque por causa da sua posição estratégica em relação aos EUA.

Recado à ONU

O subsecretário-geral da ONU para a Economia e Desenvolvimento Social, Nitin Desai, foi vaiado durante um debate sobre como construir a paz entre os povos, devido à política da ONU de “dois pesos e duas medidas”. Desai respondeu que estava lá para ouvir e levaria o recado adiante. “Não subestimem a força de vocês.”

Maldição

A freira dominicana irmã Sherine comoveu o público ao fazer um relato sobre a influência das sanções e do embargo econômico contra o povo iraquiano. A religiosa testemunhou a riqueza do país antes da Guerra do Golfo e o atual estado de destruição. “E nosso povo será submetido agora a uma violência ainda maior”, disse.

Leia nota do PT

Contra a guerra, a favor da paz

A Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores, reunida hoje em Brasília, proclama a necessidade urgente de se enviar todos os esforços para que haja uma solução pacífica para todos os conflitos que ocorrem hoje no Iraque e no Oriente Médio.

O PT junta-se à voz e à ação de todas as organizações que, nos cinco continentes, bem como no Fórum Social Mundial, condenam a guerra que se anuncia iminente. Conclamamos os povos dos Estados Unidos, do Reino Unido e dos demais países cujos governos preparam-se para a ação bélica para que se mobilizem em prol de outros meios, que não a violência e poder bárbaro das armas modernas, para solucionar os conflitos internacionais.

A Comissão Executiva Nacional do PT convoca todos os nossos militantes, parlamentares e diretórios a engajarem-se na campanha mundial contra a guerra.

Outro mundo é possível, de paz e democracia. Brasília, 20 de janeiro de 2003, Comissão Executiva Nacional do PT

Impunidade

Embora o Tribunal Internacional da ONU tenha condenado a escravidão sexual militar, nunca houve indenização às mulheres e suas famílias ou qualquer tipo de punição a esta prática nos países asiáticos, na África e na Iugoslávia, denunciou a coreana Chinsung Chung.

Fim do FMI

Na opinião do sociólogo suíço Jean Ziegler, a paz se faz pela resistência ao modelo de capitalismo neoliberal, que desviou as riquezas

Guerra será alvo de ação mundial

Os movimentos sociais mundiais antiglobalização divulgaram no dia 27 de janeiro, durante o 3º Fórum Social Mundial, um documento com os resultados da 3ª Assembléia Internacional dos Movimentos Sociais, que ocorreu no último dia 24, em Porto Alegre.

O documento faz uma convocação internacional para a realização de protestos contra a guerra no Iraque em todo o mundo no próximo dia 15 de fevereiro.

A organização dos movimentos sociais começou há três anos, como iniciativa da CUT (Central Única dos Trabalhadores), Attac Internacional (Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio ao Cidadão), Via Campesina e Focus on Global South. Hoje, participam todos os tipos de organizações não-governamentais, sindicatos camponeses, minorias e movimentos progressistas em geral.

A assembléia deste ano decidiu também organizar protestos em massa pelo mundo todo durante o 5º Encontro Ministerial da OMC (Organização Mundial do Comércio), em Cancún (México), em setembro de 2003, e durante o encontro ministerial da Alca (Área de Livre Comércio das Américas), em Miami (EUA), em outubro.

A agenda inclui ainda a realização de uma mobilização para denunciar a ilegitimidade do G-8 (grupo dos sete países mais ricos e industrializados mais a Rússia) e também para rejeitar suas políticas.

Esta mobilização será organizada no mundo todo com uma reunião internacional em Evian, na França, onde ocorrerá a próxima reunião do G-8, de 1º a 3 de junho de 2003. A mobilização incluirá uma conferência, um acampamento alternativo e uma demonstração internacional.

Mais ações

O cancelamento total da dívida do Terceiro Mundo também será tema de debates, que acontecerão em mobilizações a serem realizadas durante o encontro do G-8, da OMC (Organização Mundial do Comércio) e no encontro anual do FMI (Fundo Monetário Internacional) e do Banco Mundial, em setembro, em Washington, nos EUA.

A assembléia dos movimentos sociais decidiu ainda que será criada uma rede internacional articulando análises e compromissos para as mobilizações. (PL)

do mundo das necessidades básicas dos povos. Ele pregou o desaparecimento do FMI, da OMC e a liquidação das independências dos BCs.

5º Poder

Comunicadores e jornalistas defenderam na conferência “Mídia e globalização” a criação de um movimento contra a globalização nociva da mídia, gerada pelos interesses de grandes conglomerados. O movimento foi batizado pelo diretor do *Le Monde Diplomatique*, Ignacio Ramonet, de “Quinto Poder”.



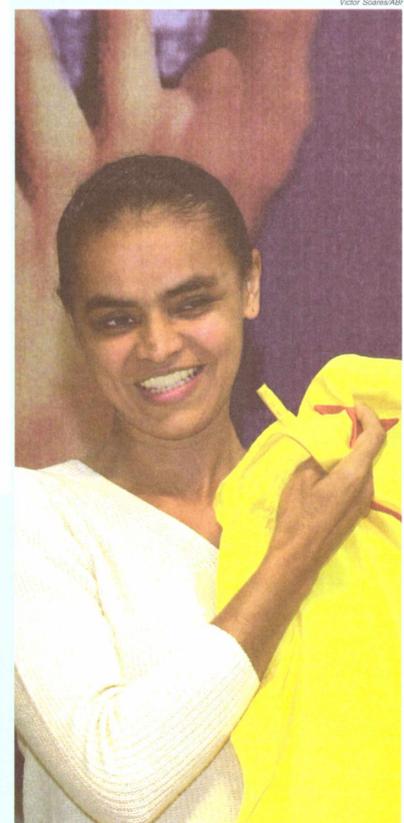
Marina dá testemunho

O testemunho mais disputado pelo público foi o da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, que atraiu mais de 2.000 pessoas. Pudera. Quem poderia imaginar que um dia ouviria a história de uma seringueira acreana que se alfabetizou aos 17 anos, trabalhou como empregada doméstica, esteve à beira da morte, mas passou no vestibular, ingressou na política, virou senadora e chegou ao ministério?

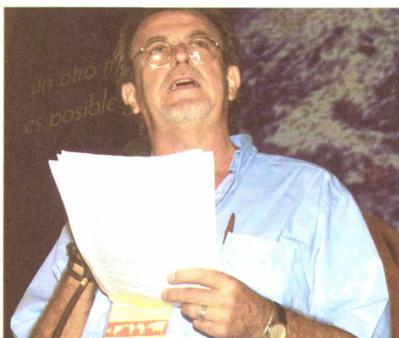
“Que motivou Marina foi a sua luta para fazer com que exceções como ela transfor-

mem-se em regra e que todos possam ter oportunidades. “Existem milhares de Lulas, Marinas, Chicos Mendes. O que lhes faltou foi oportunidade.”

Para ela, as mudanças que o Brasil espera só serão alcançadas se todos tomarem para si a responsabilidade. “Não podemos simplesmente jogar problema e solução no colo do Lula. Temos que construir juntos o processo. Talvez assim, nesse governo, o Brasil possa dar o exemplo da solução pacífica e completa dos conflitos.” (PL)



A ministra Marina Silva mostra uma bandeira do Acre



Cândido Grzybowski fala no encerramento do 3º FSM

Í N T E G R A

Luiz Inácio Lula da Silva

Eu quero, em primeiro lugar, dizer para vocês que é uma alegria maior do que a que o meu coração comporta estar, outra vez, participando do maior evento multinacional que a sociedade civil mundial organiza, que é este Fórum Social Mundial.

Da outra vez que participei aqui, fui fazer um debate, em que o tema destinado para eu falar era "Um outro Brasil é possível". E me lembro que, naquele instante, eu não tinha nem certeza de que seria candidato a presidente da República. E, hoje, ao participar deste Fórum, eu participo na condição de funcionário público número 1 do meu país.

Quero agradecer à direção desse evento. Eu sei que não é fácil, sei do sacrifício que vocês estão fazendo para fazer essa organização, sei do cuidado que vocês têm com a segurança.

Eu, agora mesmo, Haddad, estou falando, aqui, em português, e deve haver companheiro aí, francês, inglês, deve haver gente da China, da Índia, que não está entendendo nada do que estou falando.

Entretanto, aqueles que não entenderem as minhas palavras, e são pessoas que acreditam no Fórum Social Mundial, olhem nos meus olhos, que vão entender cada palavra que eu falar.

Quero agradecer, aqui, aos companheiros dirigentes do Fórum, aos Ministros, mas, sobretudo, quero agradecer ao povo do mundo inteiro que, sem medir sacrifício, veio aqui, às vezes sem ter o direito de falar, às vezes sem ter oportunidade de falar, mas veio aqui só para dizer: "Eu existo, como ser humano. E eu quero ser respeitado como tal."

Eu sempre disse que o maior desejo que tinha, de ser eleito presidente da República, era para ver se eu conseguia atender às minhas próprias reivindicações. Eu sou um homem que fez muitas reivindicações, no Brasil. Eu exigi muito de cada governo que passou aqui, antes de mim, como muitos de vocês exigem, nos seus países. E o meu desejo de ser presidente da República era o de saber se, eleito presidente da República, serei capaz de atender às minhas próprias reivindicações.

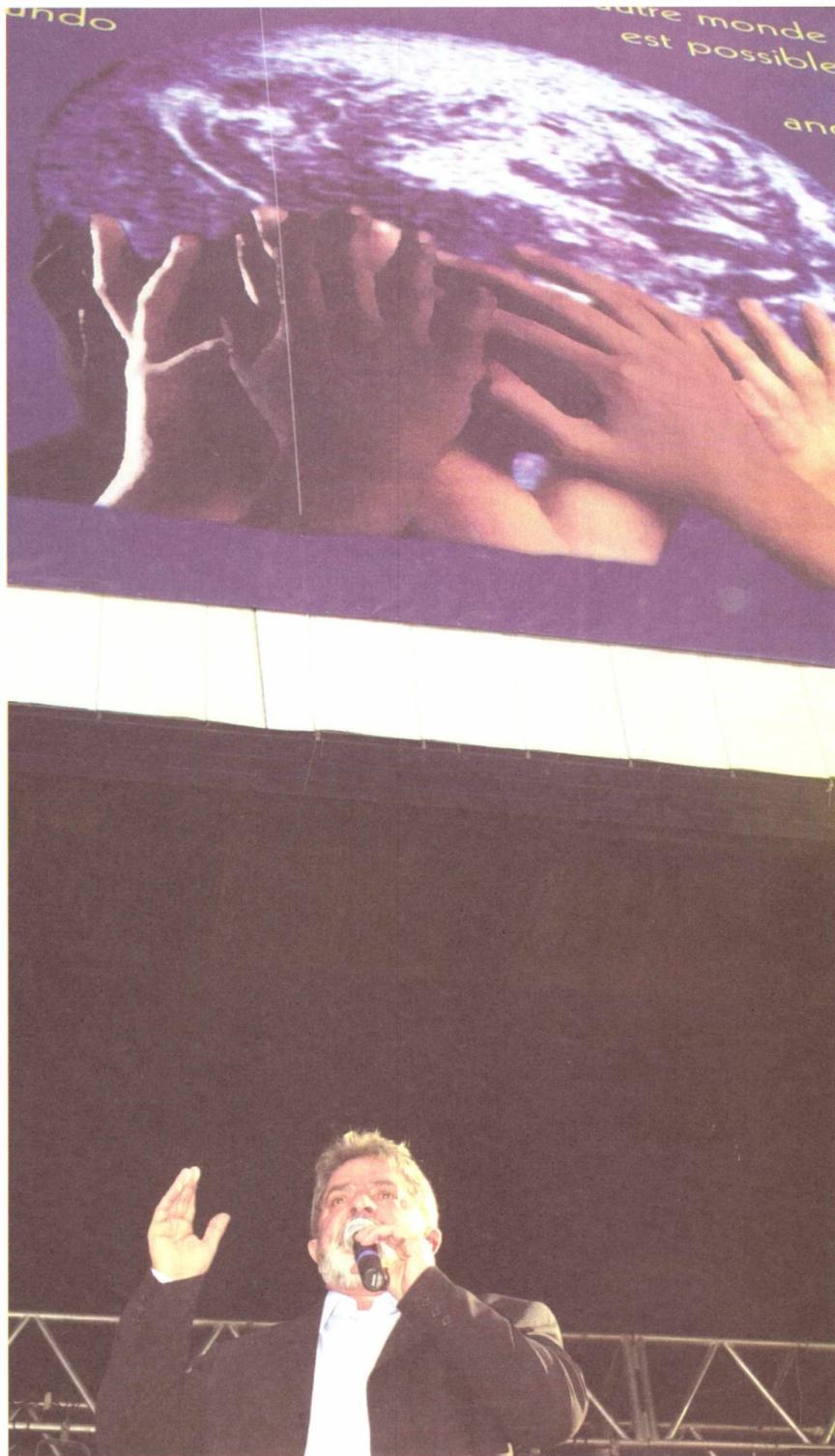
Portanto, não tenho que me preocupar com aquilo que possíveis adversários falarem. Tenho que saber que, ao longo da história, o movimento social brasileiro, o movimento sindical brasileiro, os partidos políticos no Brasil, as Igrejas no Brasil, as ONGs no Brasil acumularam muita experiência e, junto com essa experiência acumulada, têm propostas, têm reivindicações, têm coisas extraordinárias apresentadas. E eu, agora, tenho quatro anos para que, com muita tranquilidade, a gente possa atender, senão todas, aquelas que tivermos capacidade e condições de atender.

Continuo com meu sonho de fazer a reforma agrária neste país. Continuo com meu sonho de garantir uma escola pública de boa qualidade para o nosso povo e que a Universidade não seja um privilégio de apenas 8% da sociedade, mas que a Universidade seja um direito ao alcance de todos.

Continuo sonhando com a possibilidade de fazer uma política de saúde, em que nenhum pobre morra mais na porta do hospital por falta de atendimento médico ou por falta de assistência.

Continuo sonhando em construir uma sociedade justa, solidária, fraterna, onde o resultado da riqueza produzida no país seja distribuído de forma mais equânime para todos os filhos deste país.

Entretanto, também aprendo



PORTO ALEGRE

di, ao longo da minha trajetória política — e aprendi com vocês — que o técnico importante para um time não é aquele que começa ganhando, mas aquele que termina ganhando o jogo que nos propusemos jogar.

Tenho quatro anos de governo para, de forma tranquila e serena, ir fazendo as coisas que têm que ser feitas neste país. Quero fazer talvez o governo mais honesto que já houve na História deste país, o governo que tenha a mais perfeita relação com a sociedade.

Quero tratar cada um de vocês como trato meu caçula de 17 anos. Na hora em que puder fazer, faremos. Mas, na hora em que não der para fazer, com a mesma serenidade e com o mesmo carinho, quero dizer: companheiro, não dá para fazer. E tenho certeza de que essa relação de honestidade e de companheirismo será a razão do sucesso do nosso governo aqui no país.

E por que vou agir assim? Vou agir assim porque tenho consciência da responsabilidade que está nas costas das pessoas que me elegeram, que está nas costas dos meus ministros e que está, sobretudo, nas minhas costas. Embora tenha sido eleito presidente do Brasil, tenho a nítida noção do que a nossa vitória representa de esperança, não apenas aqui dentro, mas para a esquerda em todo o mundo e sobretudo para a esquerda na América Latina.

Eu levanto todo dia, de manhã, e falo para a Marisa que nós temos que fazer as coisas muito bem pensadas. Porque qualquer governo, em

qualquer país do mundo pode errar e não acontecerá nada, porque é muito normal que os governantes errem, mas eu não posso errar. E não posso errar porque eu não fui eleito pelo apoio de um canal de televisão. Eu não fui eleito pelo apoio do sistema financeiro. Eu não fui eleito por interesse dos grandes grupos econômicos. E eu não fui eleito por obra da minha capacidade ou da minha inteligência. Eu fui eleito pelo alto grau de consciência política da sociedade brasileira, no dia 27 de outubro de 2002.

Eu sei a expectativa que estou gerando nas mulheres, nos homens e nas crianças. Eu nunca vi, na história do Brasil, tanta expectativa, tanta esperança e tanta gente pedindo a Deus para a gente acertar. E tanta gente pedindo, não emprego, mas dizendo para mim: "Lula, como é que eu faço para ajudar o nosso governo a dar certo?"

É essa força da sociedade, e é exatamente esse capital político que fez com que a gente pudesse terminar a eleição e gritasse bem alto: "A esperança finalmente venceu o medo."

Eu já estive na Argentina, já estive no Chile, já estive no Equador, e sei da expectativa que a América do Sul tem no governo brasileiro. Eu sei a esperança que os socialistas do mundo inteiro têm no sucesso do nosso governo.

É por isso que aumenta a nossa responsabilidade, e eu volto a afirmar: nós esperamos tanto para ganhar, nós perdemos tanto, nós sofremos tanto, tanta gente morreu antes de

por causa do Fórum Social Mundial, fui convidado para ir a Davos. Se não fossem vocês, eu não seria convidado. E, aí, lembrei de uma coisa: quando comecei minha vida sindical, os meus amigos mais inteligentes e mais espertos diziam assim para mim: "Lula, não entres no movimento sindical, porque a estrutura sindical brasileira é a cópia fiel da "Carta di Lavoro", de Mussolini e, se tu entras no sindicato, vais virar um pelego e não vais conseguir fazer nada." Eu entrei no sindicato e, em três anos, nós mudamos a história do movimento sindical brasileiro, que hoje é um dos mais importantes do mundo.

Em 1979, estávamos lutando neste país pela reconquista das liberdades políticas e eu inventei de criar um partido. Aí, aqueles que queriam liberdades políticas começaram a ficar contra, porque na liberdade política deles não se pressupunha a criação de um partido político. E havia quem dissesse para mim: "Olha, no Brasil não cabe um partido como o PT. Esse negócio de dizer que partido de trabalhadores pode ser criado, que metalúrgico vai dirigir partido, isso é coisa do passado. Não há, na sociologia brasileira ou mundial, exemplo disso." Pois bem, nós fomos teimosos e criamos um partido, que hoje é o partido mais importante da esquerda em toda a América Latina.

Agora, lembro de uma coisa que vou contar para vocês: em 1978, entramos em greve no ABC e o presidente da Federação das Indústrias correu ao 2º Exército para dizer ao general Dilermando que era preciso acabar com uma greve que os metalúrgicos estavam fazendo. Possivelmente, se pertencesse a uma organização política mais tradicional, eu teria arrumado a mala e teria ido para outro lugar, ficar uma semana, até a poeira baixar. Como eu era mais inocente politicamente, peguei um telefone e liguei para o comandante do 2º Exército e falei: "General Dilermando, estou vindo nos jornais que o senhor convidou o presidente da Fiesp, para atender o presidente da Fiesp. Sou presidente dos trabalhadores. Eu quero ir falar com o senhor." E ele me recebeu durante três horas.

Agora, quando surgiu o convite para Davos, a princípio, falei: o que vou fazer em Davos? E, aí, tomei a seguinte decisão: sou presidente de um país que é a oitava economia mundial. Sou presidente de um país que tem 45 milhões de pessoas que não comem as calorias e as proteínas necessárias. Sou presidente de um país que tem História e que tem um povo. E não é em qualquer dia, em qualquer mês, em qualquer século que um torneio mecânico ganha a Presidência da República deste país. Portanto, tomei a decisão. Muita gente que está em Davos não gosta de mim, sem me conhecer. Quero fazer questão de ir a Davos e dizer em Davos exatamente o que eu diria para um companheiro qualquer que esteja aqui neste palanque. Dizer em Davos que não é possível continuar uma ordem econômica onde poucos podem comer cinco vezes ao dia e muitos passam cinco dias sem comer no planeta Terra. Dizer a eles que é preciso uma nova ordem econômica mundial, em que o resultado da riqueza seja distribuído de forma mais justa, para que os países pobres tenham a oportunidade de ser menos pobres. Dizer a eles que as crianças negras da África têm tanto direito de comer como as crianças de olhos azuis que nascem nos países nórdicos. Dizer a eles que as crianças pobres da América Latina têm tanto direito de comer como qualquer outra criança que nasça em qualquer parte do mundo. Dizer a eles que o mundo não está precisando de guerra, o mundo está precisando de paz, o

mundo está precisando de compreensão.

Eu acho que nós temos o que fazer, no mundo. O que a gente não pode é ficar preso, dentro do nosso mundo, achando que todo mal que nos rodeia é por causa de quem está fora.

Eu dizia, hoje: isso é mais ou menos como numa família em que, de repente, aparece um filho metido em drogas e, ao invés de o pai e a mãe discutirem com o filho e saberem onde é que está o defeito, começam a culpar a escola, começam a culpar o vizinho, começam a culpar o namorado, ao invés de sentarem e olharem para dentro do pai e da mãe e perguntarem a si mesmos: "O que nós deixamos de fazer, para que o nosso filho não fosse drogado?"

Nós somos pobres. Uma parte pode ser culpa dos países ricos. Mas, uma parte pode ser culpa de uma parte da elite do continente sul-americano, que governou de forma subversiva, que governou de forma subalterna este país, praticando os casos mais absurdos de corrupção.

Só na América Latina, nos últimos anos, quatro governantes: Collor, no Brasil; Fujimori, no Peru; Menem, na Argentina e Salinas, no México, saíram por terem praticado verdadeira rouboalheira em seus países. E isso não pode continuar acontecendo. Não podem os países ricos querer ajudar os países pobres aceitando depósito ou lavagem de dinheiro de quem rouba dos países pobres.

Eu lembro que, uma vez, havia um presidente do Zaire, chamado Mobuto. E eu lembro que, na época, a denúncia era que ele tinha US\$ 8 bilhões depositados num país da Europa, e o seu povo estava passando fome.

Se os países ricos querem contribuir, que eles não aceitem dinheiro do narcotráfico, do crime organizado. E que não aceitem dinheiro dos países em que os governantes praticaram verdadeiros roubos, que devolvam esse dinheiro, para ajudar o seu povo.

Eu quero, meu querido Haddad, terminar dizendo para vocês uma coisa. Deixem-me dizer uma coisa para vocês. Eu quero dizer para vocês que o único e o mais importante compromisso que eu tenho com vocês é o de que vocês podem ter a certeza, como a certeza e a fé que vocês têm em Deus, para quem é cristão: é que eu posso cometer algum erro, mas que jamais eu negarei uma vírgula dos ideais que me fizeram chegar à Presidência da República do nosso país.

Eu quero poder, a cada mês, a cada ano, olhar na cara de cada criança, de cada mulher, de cada homem e dizer: "Nós estamos construindo uma nova Nação. Nós estamos construindo um novo país."

E eu teimo em dizer, todo santo dia: eu hei de realizar um sonho, que não é só meu, mas um sonho que é de todos vocês, que haverá um dia que, neste país, nenhuma criança irá dormir sem um prato de comida, e nenhuma criança acordará sem um café da manhã.

Haverá o dia em que, neste país, as pessoas poderão morrer, porque nascemos para morrer, mas ninguém morrerá de desnutrição, como muitos morrem hoje, neste país. Haverá um dia em que a gente tem que ter a consciência de que este país que eu sonho e que vocês sonham pode ser construído. Depende da nossa disposição de fazê-lo. Depende da nossa coragem. Depende da nossa disposição.

E estou aqui para dizer para vocês: meus companheiros e minhas companheiras do 3º Fórum Social Mundial, haja o que houver, aconteça o que acontecer, tentarei cumprir cada palavra que está contida no Programa de Governo que me elegeu presidente da República deste país.

Governar é como uma maratona. Você não pode começar a 80 por hora, porque o seu fôlego pode acabar na primeira esquina. Você tem que dar passos sólidos, concretos, para que você possa terminar o governo com a certeza do dever cumprido. E quero poder dizer ao mundo: como seria bom, como seria maravilhoso se, ao invés de os países ricos produzirem e gastarem dinheiro com tantas armas, gastassem dinheiro com pão, com feijão e com arroz, para matar a fome do povo.

Fico imaginando quantos bilhões e bilhões e bilhões de dólares se gastam com a guerra. Soldado matando soldado. Soldado matando inocente e, próximo de nós, crianças levantando os olhos e mendigando um prato de comida, que muitas vezes se joga fora e não se dá para essa criança.

Meus companheiros e companheiras do Fórum Social Mundial, quero que vocês, que são brasileiros e vocês que não são brasileiros, mas que estão aqui, quero que vocês tenham a certeza mais absoluta da vida de vocês: não faltarei a vocês. Não deixarei de fazer as coisas que temos que fazer. E espero dar a minha contribuição para que outros companheiros ganhem as eleições em outros países do mundo, para que a gente possa, de uma vez por todas, começar a eleger pessoas que tenham mais sensibilidade, pessoas que tenham mais compromisso, pessoas que acreditem que é possível a gente mudar a história da humanidade.

O nosso país, durante 500 anos, ficou olhando para a Europa. Está na hora de olhar para a África e para a América do Sul. Está na hora de se estabelecerem novas parcerias, para que a gente possa ser mais independente, fortalecer o Mercosul e estabelecer uma força política para negociar. Não podemos aceitar o que está acontecendo durante 40 anos, o bloqueio em Cuba. Não podemos aceitar que países sejam marginalizados durante séculos e séculos. E não podemos aceitar que o Brasil, do tamanho que é, continue a cada ano que passa sendo um país que apresenta maior índice de pobreza e miserabilidade.

Por isso, não poderia deixar de vir aqui. Não poderia deixar de vir aqui e dizer a vocês: valeu a pena, gente. E vai valer muito mais a pena, quando a gente estiver no último dia de governo e puder provar, com dados sobre dados, que fizemos em quatro anos o que os outros não fizeram em algumas dezenas de anos neste país.

Gente, quero me despedir de vocês, quero terminar dizendo aos companheiros coordenadores e coordenadoras do Fórum Social Mundial: pelo amor de Deus, não desistam, porque vocês conseguiram, em três anos, construir uma das coisas mais extraordinárias que a sociedade civil mundial conheceu.

Embora estejamos a tantos mil quilômetros de Davos, a verdade é que, depois do Fórum de Porto Alegre, Davos já não tem mais a força que tinha, antes de existir o Fórum Social Mundial. A verdade é que os problemas sociais do mundo nunca tinham sido discutidos em Davos e, agora, todos são obrigados a saber que têm que discutir os problemas sociais.

Vocês conseguiram um espaço na História. A imprensa, que começou, no primeiro Fórum, a dizer que era um "encontro de esquerdistas", a dizer que era um "encontro dos malucos do mundo", hoje reconhece, em todas as primeiras páginas dos jornais: o Fórum Social Mundial é o maior evento político realizado na História contemporânea.

E eu não tenho dúvida nenhuma de que ele vai contribuir, de forma decisiva, para que a gente mude a história da humanidade.

DAVOS

Luiz Inácio Lula da Silva

Estou chegando, como vocês sabem, diretamente de Porto Alegre, onde participei do Fórum Social Mundial, e falei a dezenas de milhares de pessoas sobre os mesmos assuntos de que pretendo tratar aqui.

A Reunião Anual do Fórum Econômico Mundial tem como tema central a construção da confiança. Sinto-me muito à vontade com esse tema. Sou depositário da confiança do povo brasileiro, que me atribuiu a responsabilidade de conduzir um país de 175 milhões de habitantes, uma das maiores economias industriais do planeta. Mas, um país que convive, também, com enormes desigualdades sociais.

Trago a Davos o sentimento de esperança que tomou conta de toda a sociedade brasileira. O Brasil se reencontrou consigo mesmo, e esse reencontro se expressa no entusiasmo da sociedade e na mobilização nacional para enfrentar os enormes problemas que temos pela frente.

Aqui, em Davos, convenção-se dizer que hoje existe um único Deus: o mercado. Mas a liberdade de mercado pressupõe, antes de tudo, a liberdade e a segurança dos cidadãos.

Respondi, de forma serena e madura, aos que desconfiaram dos nossos compromissos, durante a campanha eleitoral. Na "Carta ao Povo Brasileiro", reafirmei a disposição de realizar reformas econômicas, sociais e políticas muito profundas, respeitando contratos e assegurando o equilíbrio econômico.

O Brasil trabalha para reduzir as disparidades econômicas e sociais, aprofundar a democracia política, garantir as liberdades públicas e promover, ativamente, os direitos humanos.

A face mais visível dessas disparidades são os mais de 45 milhões de brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza. O seu lado mais dra-

mático é a fome, que atinge dezenas de milhões de irmãos e irmãs brasileiras.

Por essa razão, fizemos do combate à fome nossa prioridade. Não me cansarei de repetir o compromisso de assegurar que os brasileiros possam, todo dia, tomar café, almoçar e jantar.

Combater a fome não é apenas tarefa do governo, mas de toda a sociedade. A erradicação da fome pressupõe transformações estruturais, exige a criação de empregos dignos, mais e melhores investimentos, aumento substancial da poupança interna, expansão dos mercados no país e no exterior, saúde e educação de qualidade, desenvolvimento cultural, científico e tecnológico.

Urge que o Brasil promova a reforma agrária e retome o crescimento econômico, de modo a distribuir renda. Estabelecemos regras econômicas claras, estáveis e transparentes. E estamos combatendo, implacavelmente, a corrupção. Nossa infraestrutura deverá ser ampliada, inclusive com a participação de capitais estrangeiros.

Somos um país acolhedor. A tolerância e a solidariedade são características do povo brasileiro. Temos uma força de trabalho qualificada, apta para os grandes desafios da produção neste novo século.

A retomada do desenvolvimento requer a superação dos constrangimentos externos. O Brasil tem que sair desse círculo vicioso de contrair novos empréstimos para pagar os anteriores. É necessário realizar um extraordinário esforço de expansão do nosso comércio internacional, em particular das nossas exportações, diversificando produtos e mercados, agregando valor àquilo que produzimos.

Todo o esforço que estamos fazendo para recuperar, responsavelmente, a economia brasileira, no entanto, não atingirá plenamente seus objetivos sem mudanças importantes na ordem econômi-

ca mundial. Queremos o livre comércio, mas um livre comércio que se caracterize pela reciprocidade. De nada valerá o esforço exportador que venhamos a desenvolver se os países ricos continuarem a pregar o livre comércio e a praticar o protecionismo.

As mudanças da ordem econômica mundial devem passar, também, por uma maior disciplina no fluxo de capitais, que se deslocam pelo mundo, ao sabor de boatos e de especulações subjetivas e sem fundamento na realidade.

É necessário que a comunidade internacional dê sua contribuição para impedir a evasão ilegal de recursos, que buscam refúgios em paraísos fiscais. Maior disciplina nessa área é fundamental para o decisivo combate ao terrorismo e à delinqüência internacionais, que se alimentam da lavagem de dinheiro.

A construção de uma nova ordem econômica internacional, mais justa e democrática, não é somente um ato de generosidade, mas, também, e principalmente, uma atitude de inteligência política.

Mais de dez anos após a derrubada do Muro de Berlim, ainda persistem "muros" que separam os que comem dos famintos, os que têm trabalho dos desempregados, os que moram dignamente dos que vivem na rua ou em miseráveis favelas, os que têm acesso à educação e ao acervo cultural da humanidade dos que vivem mergulhados no analfabetismo e na mais absoluta alienação.

É necessário, também, uma nova ética. Não basta que os valores do humanismo sejam proclamados, é preciso que eles prevaleçam nas relações entre os países e os povos.

Nossa política externa está firmemente orientada pela busca da paz, da solução negociada dos conflitos internacionais e pela defesa intransigente dos nossos interesses nacionais.

A paz não é só um objetivo moral. É, também, um imperativo de racionalidade. Por isso, defendemos que as controvérsias sejam solucionadas por vias pacíficas e sob a égide das Nações Unidas. É necessário admitir que, muitas vezes, a pobreza, a fome e a miséria são o caldo de cultura onde se desenvolvem o fanatismo e a intolerância.

A preservação dos interesses nacionais não é incompatível com a cooperação e a solidariedade. Nosso projeto nacional não é xenófobo e, sim, universalista. Queremos aprofundar nossas relações com os países da América do Sul, desenvolvendo com eles uma integração econômica, comercial, social e política.

Queremos negociar cada vez mais positivamente com os Estados Unidos, a União Européia e os países asiáticos. Teremos, na condição de país que possui a segunda maior população negra do mundo, um olhar especial para o continente africano, com o qual temos laços étnicos e culturais profundos.

Quero convidar a todos os que aqui se encontram, nessa montanha mágica de Davos, a olhar o mundo com outros olhos. É absolutamente necessário reconstruir a ordem econômica mundial para atender aos anseios de milhões de pessoas que vivem à margem dos extraordinários progressos científicos e tecnológicos que um ser humano foi capaz de produzir.

Não fiquem indefinidamente esperando sinais para mudarem de atitude em relação ao meu país e aos países em desenvolvimento. Os povos, como os indivíduos, precisam de oportunidades. Os países ricos de hoje só o são porque tiveram as suas oportunidades históricas.

Se querem ser coerentes com a sua experiência vitoriosa, não podem e não devem obstruir o caminho dos países em via de desenvolvimento. Ao contrário, podem e devem construir conosco uma nova agenda de desenvolvimento global compartilhado.

Tenham certeza de que o Brasil já começou a mudar. Nossa determinação é resultado não somente de compro-

missos que assumimos há muitos anos, mas decorre, também, da esperança que mobiliza o nosso país. Sei que no debate contemporâneo há divergências, visões de mundo distintas, até mesmo antagônicas.

Sou o presidente de todo o povo brasileiro e não apenas daqueles que votaram em mim. Estamos construindo um novo contrato social, em que todas as forças da sociedade brasileira estejam representadas e sejam ouvidas.

Assim, busco a interlocução com todos os setores que serão reunidos no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social. Vou buscar contatos e pontos de apoio para os nossos projetos de mudar a sociedade brasileira, onde quer que eles estejam.

A mudança que buscamos não é para um grupo social, político ou ideológico. Ela beneficiará mais os desprotegidos, os humilhados, os ofendidos e os que, agora, vêm com esperança a possibilidade de redenção pessoal e coletiva. Esta é uma causa de todos. Ela é universal por excelência.

Como o mais extenso e o mais industrializado país do hemisfério sul, o Brasil se sente no direito e no dever de dirigir aos participantes do Fórum de Davos um apelo ao bom senso. Queremos fazer um apelo para que as descobertas científicas sejam universalizadas para que possam ser aproveitadas em todos os países do mundo.

Na mesma linha, proponho a formação de um fundo internacional para o combate à miséria e à fome nos países do terceiro mundo, constituído pelos países do G-7 e estimulado pelos grandes investidores internacionais. Isso porque é longo o caminho para a construção de um mundo mais justo e a fome não pode esperar.

Meu maior desejo é que a esperança que venceu o medo, no meu país, também contribua para vencê-lo em todo o mundo. Precisamos, urgentemente, nos unir em torno de um pacto mundial pela paz e contra a fome.

E, fiquem certos, o Brasil fará a sua parte.



Ricardo Stuckert/Presidência da República

D A V O S

Lula cobra “inteligência política”

EM VIAGEM À EUROPA, O PRESIDENTE DEFENDE UMA NOVA ORDEM ECONÔMICA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva cobrou, dos representantes de países ricos presentes ao 33º Fórum Econômico Mundial, uma “atitude de inteligência política”, ao defender uma nova ordem econômica no mundo. “A construção de uma nova ordem econômica internacional, mais justa e democrática, não é somente um ato de generosidade, mas, também, e principalmente, uma atitude de inteligência política”, afirmou Lula, em discurso no dia 26 de janeiro em Davos (Suíça) que foi muito bem recebido pela imprensa internacional, em particular na Europa.

“Mais de dez anos após a derrubada do Muro de Berlim, ainda persistem muros que separam os que comem dos famintos, os que têm trabalho dos desempregados, os que moram dignamente dos que vivem na rua ou em miseráveis favelas, os que têm acesso à educação e ao acervo cultural da humanidade dos que vivem mergulhados no analfabetismo e na mais absoluta alienação”, continuou o presidente.

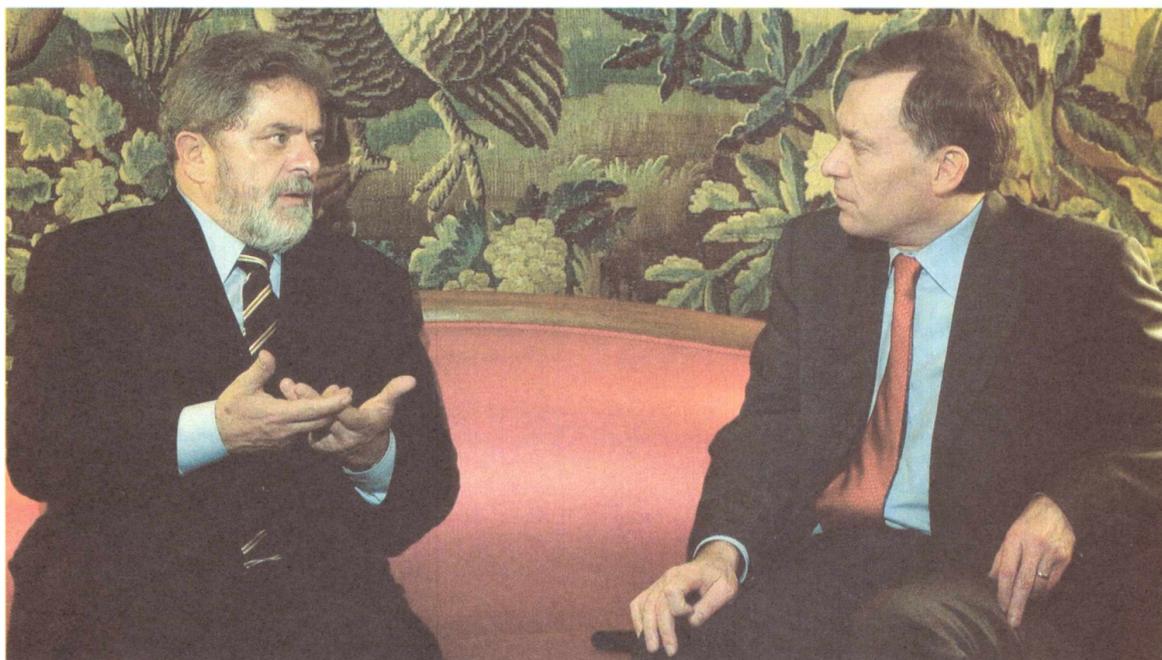
“Se querem ser coerentes com a sua experiência vitoriosa, não podem e não devem obstruir o caminho dos países em via de desenvolvimento. Ao contrário, podem e devem construir conosco uma nova agenda de desenvolvimento global compartilhado”, disse o presidente, para um público formado pela elite dirigente dos países ricos e do sistema financeiro internacional.

Fome

No pronunciamento, Lula sugeriu ainda a criação de um fundo internacional de combate à fome patrocinado pelos países mais ricos — ao mesmo tempo em que destacou que essa é uma das prioridades de seu governo — e também condenou os paraísos fiscais que recebem recursos de origem ilícita vindos dos países pobres. “Maior disciplina nessa área é fundamental para o decisivo combate ao terrorismo e à delinquência internacionais, que se alimentam da lavagem de dinheiro”, afirmou.

Lula lembrou também à platéia que estava vindo diretamente do 3º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, e que, como presidente, representava 175 milhões de brasileiros. No dia 24, diante de milhares de pessoas reunidas no anfiteatro do Pôr-do-Sol, Lula afirmou que só foi convidado a participar do encontro em Davos devido à força do FSM. “Sou obra e resultado do que vocês fizeram toda a vida”, disse, ovacionado pelo público.

Lula, que participou das duas edições anteriores do Fórum Social Mundial, foi o primeiro presidente a participar ao mesmo tempo dos fóruns de Porto Alegre e de Davos. Foi também a primeira viagem oficial do presidente à Europa, em uma turnê que incluiu ainda a Alemanha e a França.



Três momentos da viagem de Lula: com Chirac (alto) e Köhler, na França, e com Schröder (acima), na Alemanha

“Alma lavada”

Na embaixada em Berlim, ao receber cerca de 200 brasileiros residentes na Alemanha, Lula disse que voltava ao Brasil “de alma lavada”, por ter manifestado suas opiniões nos dois fóruns mundiais. “Eu posso dizer a vocês que volto ao Brasil de alma lavada, porque falei aquilo que falei em Porto Alegre. Nem mais, nem menos. Ter mostrado que o que é possível falar de coisas para todo mundo, porque, afinal de contas, eu não sou um político de duas personalidades”, disse.

A primeira viagem à Europa serviu ainda, de acordo com o presidente, para que ele notasse uma disposição pela

retomada de negociações comerciais igualitárias. No pronunciamento que fez em Davos, o presidente questionou o protecionismo praticado nos países mais ricos.

Na França, o presidente reiterou que deseja igualdade de condições, para que o Brasil e outros países em desenvolvimento possam competir no mercado internacional. Lula disse que a abertura comercial dos países ricos dependerá do empenho dos países europeus, dos EUA e do Japão.

“Não é possível, como por exemplo no caso da Alca [Área de Livre Comércio das Américas], acatar medidas o

livre comércio, que seja para todos. Não aceitaremos a política de dois pesos e duas medidas”, afirmou Lula, depois de se reunir com o presidente francês, Jacques Chirac — que se disse muito satisfeito com os discursos de Lula no Fórum Social Mundial e no Fórum Econômico Mundial. “O Brasil pode contar com o apoio da França”, declarou.

No entanto, Chirac afirmou também que, em sua opinião, o protecionismo dos países europeus em detrimento das nações em desenvolvimento é “mais propaganda que realidade” — a França é considerada uma das nações que mais oferece subsídios a

agricultores. Na avaliação de Chirac, a Europa impõe subsídios muito menores aos países pobres do que os EUA e que está disposta a negociar a redução nas barreiras tarifárias.

Em entrevista, o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, que acompanhou o encontro entre Lula e Chirac, observou depois que tanto a Europa quanto os Estados Unidos têm a tendência de culpar um ao outro na imposição de entraves ao livre comércio. “Cada um define a sua política. Ninguém gosta de nomes negativos para definir as suas decisões”, disse.

Não à guerra

Lula também aproveitou

Chefe do FMI pediu abraço

O correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* em Paris, Reali Jr., informou que, durante o encontro que tiveram na França, Lula conseguiu sensibilizar o diretor-gerente do FMI, Horst Köhler. Escreveu o jornalista:

“Em determinado momento da conversa, à qual estavam presentes somente os ministros da Fazenda e das Relações Exteriores, Köhler falava sobre a necessidade do combate à corrupção como um dos itens importantes na tentativa de recuperação da economia brasileira. Lula, olhando-o nos olhos e bastante emocionado, contou-lhe que sua mãe o ensinou a conversar dessa forma com as pessoas. Emocionado, Köhler surpreendeu o presidente com uma pergunta: ‘Posso lhe dar um abraço?’. O presidente respondeu que sim. O presidente petista do Brasil e o diretor-gerente do FMI interromperam a conversa e trocaram um efusivo abraço.”

Depois, em entrevista, Köhler afirmou que Lula adotou “uma agenda correta” e cobrou apoio internacional ao governo brasileiro. O encontro em Paris, que não estava previsto inicialmente na agenda oficial, durou uma hora e meia.

sua viagem para manifestar aos líderes europeus a posição brasileira contrária à uma guerra contra o Iraque. Além do pronunciamento em Davos, o assunto foi tema dos encontros com Chirac e com o chanceler da Alemanha, Gerhard Schröder.

Segundo o presidente, embora o Brasil seja solidário ao sofrimento norte-americano, após os atentados de 11 de setembro, a única maneira de preservar a democracia e as organizações internacionais, como a ONU (Organização das Nações Unidas) é evitar a guerra. “Nada deverá ser feito fora do Conselho de Segurança da ONU, ainda que os inspetores tenham dúvidas sobre o que encontraram. Precisamos de cautela e tranquilidade”, disse Lula.

Na opinião de Lula, “um cidadão pode cometer uma loucura qualquer, um Estado não”, afirmou referindo-se à postura dos EUA. O presidente lembrou que sua campanha eleitoral foi “paz e amor” e, agora, não defenderá a guerra. Chirac, por sua vez, disse que a postura do Brasil e do seu país sobre a guerra “não são próximas, mas idênticas”. Schröder cobrou a cooperação do Iraque no trabalho dos inspetores e o cumprimento de resoluções da ONU.

Chirac, após ser questionado por Lula, também mencionou o apoio da França para que o Brasil se torne membro permanente do Conselho de Segurança da ONU, uma reivindicação antiga do país. O presidente brasileiro também fez uma exposição sobre a crise na Venezuela e a atual situação econômica na América Latina.

Wilson Dias/ABR

Ricardo Stuckert/Presidência da República

Rose Brasil/ABR